

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Caroline Ferenczi Strimber

**COMO AS CRIANÇAS QUE VIVENCIARAM A
SEPARAÇÃO DOS PAIS COMPREENDEM TAL
SITUAÇÃO – UM ESTUDO DE CASO.**

São Paulo
2008

Caroline Ferenczi Strimber

**COMO AS CRIANÇAS QUE VIVENCIARAM A
SEPARAÇÃO DOS PAIS COMPREENDEM TAL
SITUAÇÃO – UM ESTUDO DE CASO.**

Trabalho de conclusão de curso como exigência
parcial para a graduação no curso de Psicologia,
sob orientação do Prof. Hemir Barição.

São Paulo
2008

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador Hemir Barição, pela paciência, apoio e incentivo na realização desse trabalho, por compartilhar o conhecimento nos momentos de dúvidas e questionamentos.

À Professora Ana Maria Trapé Trinca, pelas valiosas discussões e sugestões, e pela dedicação e carinho com que me apoiou nessa pesquisa.

À Professora Célia Maria de Souza Terra, supervisora clínica do caso, que muito colaborou no aprendizado de análise com crianças.

Ao Professor Sérgio Wajman, aulas nas quais as idéias para esse trabalho começaram a aflorar.

Aos meus amigos, que compartilharam comigo todas as alegrias e aflições durante todo o curso.

Ao Fabio, pelo amor, companheirismo e muita paciência.

À minha irmã Julie, quem amo muito, pela compreensão nos momentos de angústia ao longo do curso e da vida.

À minha mãe, que tanto me ensina sobre a vida, e sustenta a minha caminhada; sem a qual nada seria possível.

Caroline Ferenczi Strimber: Como as crianças que vivenciaram a separação dos pais compreendem tal situação – um estudo de caso, 2008.

Orientador: Prof. Hemir Barição.

RESUMO

Esse estudo tem como objetivo vislumbrar como crianças que vivenciaram a separação dos pais compreendem essa situação. Como elaboram a nova configuração familiar, e como vai ser significado e entendido a possível dor e sofrimento dessa vivência.

A pesquisa foi realizada através da análise de um estudo de caso de uma criança paulistana, de 7 anos de idade, que vivenciou a separação dos pais há três anos atrás.

Para tanto a metodologia utilizada foi a análise de entrevistas semi-dirigidas realizadas separadamente com os pais da criança a fim de elucidar o contexto desta família - união do casal, construção familiar e separação. E com a criança, aplicação do Procedimento de Desenho de Família com Estória.

A análise dos dados foi baseada no referencial teórico da psicanálise, através da interpretação dos conteúdos emergentes nos encontros.

Os resultados apontam que a criança mantém a representação do núcleo familiar interno sem quebras ou intrusões após a separação dos pais. Sentimentos de fragilidade, instabilidade e solidão ficaram bastante latentes, por um lado como consequência da ruptura familiar, mais também é resultante da cultura em que estão inseridas – uma cultura muito individualista e capitalista, na qual o sujeito esta narcisicamente investido.

Palavras Chaves: Criança; Separação Conjugal; Psicanálise.

SUMÁRIO

Capítulo I – Prefácio	6
Capítulo II - Revisão Bibliográfica	7
Capítulo III – Construção familiar: Casamento e Família	
III. I. – Casamento	14
III. II – Família	21
Constituição do sujeito	29
Capítulo IV – Divórcio	32
Capítulo V – Método	37
V.I – Sujeito	40
V.II – Procedimento	47
V. III – Considerações Éticas	50
Capítulo VI – Resultados	51
VI. I – Análise e Discussão	55
Considerações Finais	61
Referências Bibliográficas	63
Anexos	67

I. PREFÁCIO

Durante a minha vida e principalmente a partir das experiências de estágios, tenho observado de perto as relações familiares e seus conflitos em situações de separação, investigação de paternidade, adoção, violência entre outros.

Tem me intrigado bastante questões que refletem a estrutura familiar, como a relação de afeto entre os casais no mundo moderno; como a função parental é exercida na separação/divórcio; crianças usadas como objetos dos pais no jogo de poderes entre eles, entre outras. Mas, o que mais me inquieta é o lugar da criança, como ela tem sido vista, ouvida, compreendida e cuidada.

Portanto, decidi pesquisar questões que abordem a criança como sujeito ativo que está inserida no processo de separação e divórcio. E quando digo ativo, refiro-me a um indivíduo que pensa e age, se relaciona com o mundo e por isso percebe e compreende as coisas que acontecem ao seu redor, do seu ponto de vista e não passivamente esperando ver o mundo passar e lhe depositar informações, e que por isso deve ser ouvida e compreendida, como sujeito do processo.

Após algumas leituras a respeito do tema família, separação, divórcio, conflitos conjugais e familiares, optei por pesquisar mais a fundo a compreensão que as crianças têm do processo de separação/divórcio dos pais.

II. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Pesquisando sobre separação/ divórcio, relações familiares, percebe-se que os estudos sobre conflitos conjugais referem se muitas vezes aos efeitos de tais conflitos para os filhos, mas pouco trazem sobre como as crianças e adolescentes compreendem essas discórdias e quais as estratégias de enfrentamento utilizadas (TOLOI, 2006). Acredito que falte compreender a concepção dos filhos. Toloí (2006) e Souza (2000), estudaram como os adolescentes vivenciam, compreendem e enfrentam os conflitos conjugais no casamento e na separação. E Ramires (2004) buscou compreender como crianças e pré-adolescentes vivenciam a separação e novas uniões parentais.

Frente a essas pesquisas que abordam a visão do adolescente diante dos conflitos conjugais dos pais, julgo importante estudar a visão da criança frente a este processo vivido pelos mesmos. Belino (2002) preocupou-se com esse foco das crianças, e pesquisou como quatro delas estavam vivenciando a separação dos pais no momento atual, e como isso estava relacionado às suas histórias de vida.

Para tanto, é de grande relevância compreender o processo de constituição familiar - casamento, construção familiar, separação e divórcio – estabelecido socialmente ao longo da história e como se configura atualmente; para entender a concepção de separação e divórcio que crianças que vivenciaram o mesmo, têm de tal processo.

Em uma revisão bibliográfica do tema foram encontradas pesquisas que abordam temas familiares de vários ângulos: pelo casal, pelos filhos, com um olhar psicológico unido ao jurídico, entre outros. Muitos pesquisadores vêm se interessando pelos temas deste processo de construção e dissolução conjugal, principalmente em estudar as causas e conseqüências deste.

Inicialmente é necessário compreender a importância do casamento – Porque as pessoas se casam?

Gueiros (1998), preocupado com as transformações que estão se processando na família contemporânea brasileira, estudou a história do casamento a partir das concepções de Philippe Ariès (1985).

Féres-Carneiro (2003) faz referência a Berger e Kellner, que defendem a tese de que o casamento é para os conjugues a principal área de auto-realização social e a base dos relacionamentos na esfera privada. Féres-Carneiro (2003) observa na sua prática clínica que o divórcio não está ligado à desqualificação do casamento, mas à supervalorização do mesmo. E quando não atingem as suas expectativas, separam-se para a busca da realização das mesmas, por meio do recasamento.

Féres-Carneiro (2003) abordou a separação conjugal investigando como homens e mulheres, de dois grupos etários (25 a 35 anos e 45 a 55 anos) das camadas médias da população carioca vivenciaram o processo de dissolução do casamento e buscam

reconstruir suas identidades individuais. Para tanto, a autora realizou entrevistas semi-estruturadas, que permitiram constatar diferenças entre as vivências de gênero, mas não entre idades. Constatou que o processo de separação é um momento difícil e sofrido para ambos os sexos e ambas as faixas etárias, pois é um momento de desilusão; ele não é o príncipe encantado que ela sempre sonhou e nem ela a princesa dos sonhos dele, são seres humanos de carne e osso, reais.

A autora percebeu que “enquanto os homens enfatizaram mais os sentimentos de frustração e fracasso no processo de separação, as mulheres ressaltaram sobretudo a vivência da mágoa e da solidão.” (FÉRES-CARNEIRO, 2003, p. 370). Esta diferença de sentimentos vividos pode estar relacionada ao modo como cada gênero concebe o casamento.

No que se refere aos filhos no processo de separação dos pais, Féres-Carneiro (2003) verificou que a maioria dos homens apresentou sentimentos de preocupação e sofrimento, e ressaltou, algumas vezes, o fato das crianças terem ‘ficado mal’ com a separação. Já as mulheres enfatizaram segundo a autora, que os filhos não ‘ficaram mal’ com a separação dos pais. Talvez pelos filhos terem permanecido com a mãe, o que ocorre quase sempre, e os homens se afastarem dos filhos, estes podem ter projetado seu sofrimento (ficarem mal) nos filhos, enquanto a mãe que está mais próxima dos filhos, com maior controle e acompanhamento do cotidiano dos mesmos, fica mais tranquila em relação aos mesmos.

Toloi (2006) investigou como os adolescentes compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação. Detectou, a partir de Sociodramas Temáticos, a maneira estereotipada de concepção de família e de papéis familiares inseridas no imaginário dos adolescentes, paulistanos da camada média da população. Isso porque, mesmo os adolescentes apresentando um processo cognitivo mais desenvolvido em relação a crianças menores, apresentam bastante dificuldade de discriminar e identificar os mecanismos de construção e manutenção dos conflitos, devido a um pensamento mais maniqueísta de certo e errado, diante da crença que concebe conflito como sinônimo de violência.

Os adolescentes demonstraram perceber os conflitos conjugais a partir dos formatos e intensidades emocionais apresentados pelos pais, porém entretidos em seu mundo de transformações e desafios,

(...) os jovens não conseguem identificar claramente as nuances nas interações da díade parental e as demandas da conjugalidade. Eles se misturam aos conflitos dos pais e isso os leva a uma compreensão simplista a respeito das razões, dos temas e dos mecanismos referentes ao desenvolvimento e manutenção das discórdias (TOLUI, 2006, p.148).

No casamento, os conflitos aparecem mais amenos e de alguma forma mais contornáveis, enquanto na separação, aparecem mais intensos e num escalonamento que chega à violência verbal e física. Os temas dos conflitos variam, mas os que se referem a dinheiro e educação dos filhos aparecem em maior grau em praticamente todas as

relações. O aspecto financeiro é a principal fonte de conflitos - incluindo a dependência econômica das mulheres/filhos e os problemas advindos do excesso ou dificuldades no trabalho de ambos os pais. Quanto à educação e monitoramento dos filhos, aparece como o segundo grande tema de desavenças familiares. “Estas ficam ao encargo das mulheres enquanto os homens as responsabilizam pela conduta ineficiente” (TOLOI, 2006, p.149).

Foi constatado que os adolescentes se colocam em uma posição passiva bastante conveniente frente aos temas e às discórdias familiares, esperando serem cuidados no ambiente doméstico, sem ter que dar nenhum retorno ou estabelecer qualquer tipo de troca nas interações, enquanto demonstram grande expectativa para conquistar autonomia fora de casa.

Apresentam expectativa e busca pelo modelo familiar por eles idealizados, em que coexistem as figuras do pai provedor e da mãe cuidadora da família hierárquica em conjunto com o estilo de expressividade calorosa, comunicação aberta e proximidade afetiva da família não hierárquica. (TOLOI, 2006, p.150).

Frente a estes resultados fica a questão: como as crianças que vivenciaram tais conflitos os compreendem?

O divórcio dos pais trás uma nova configuração física e psíquica para toda a rede familiar, que vai desde as tarefas práticas do cotidiano até as subjetivas como o clima

emocional. A separação trás de fato uma mudança com efeito traumático; um excesso que terá que ganhar sentido na vida de cada sujeito. E é este o interesse desta pesquisa, descobrir os sentidos e significados que a criança atribui a essas experiências. Quais são as “teorias” que as crianças elaboram a respeito dessas mudanças em que são submetidas pelo mundo adulto; como vai ser significado e entendido essa dor e sofrimento?

Acredito que a separação dos pais traga o sentimento duplo: de alívio da situação estressante dos pais em discórdia em casa, mas também de dor e sofrimento.

Atualmente as relações com os filhos são demasiadamente investidas de afetos, colocando as crianças no centro da família, um lugar supervalorizado, super-investido narcisicamente. A separação conjugal abala essa estrutura estável que garantia conforto para a criança, configurando uma nova estrutura familiar, um novo lugar de investimento narcísico.

Como a criança percebe isso? Existe uma culpa por parte da criança pela separação dos pais? Talvez pelo alto investimento narcísico depositado pelos adultos, o filho pode sentir uma culpa causada por uma onipotência infantil, criada pelo lugar em que esses pais o colocam. Por isso quando os pais se separam também pode ser culpa dele.

A criança toma partido de alguma figura parental? Idealiza a figura ausente? Que lugar ela passa a ocupar na nova cena, o de vítima ou de responsável? São essas questões que pretendo elucidar ao final do trabalho.

III. CONSTRUÇÃO FAMILIAR: CASAMENTO E FAMÍLIA

III. I. CASAMENTO

O casamento nem sempre foi como é hoje, ele foi sofrendo, ao longo dos anos, modificações que respondem às demandas da época. Durante muito tempo o casamento era um ato que unia interesse apenas familiar e benefícios econômicos e sociais. Depois passou a atender o interesse, a finalidade, da procriação – o amor era importante, quando atribuído aos filhos. Atualmente, o casamento é um ato de vontade, regido pelas necessidades e anseios de prazer e realização do casal.

Preocupado com as transformações que estão se processando na família contemporânea brasileira, Gueiros (1998), estudou a história do casamento a partir das concepções de Philippe Ariès (1985), o qual defende que “a história do casamento tem diferentes matrizes e a própria origem do modelo de casamento monogâmico e indissolúvel das sociedades ocidentais é complexa e até difusa” (GUEIROS, 1998, p. 34).

Áries (1985) hipotetizou que o casamento indissolúvel seja uma criação espontânea das coletividades rurais, implementado entre os séculos IX e XII. O

casamento era na maioria das vezes negociado pelas famílias; uma dava uma mulher e a outra a recebia em troca de um dote.

Eram as próprias comunidades que cuidavam para que a união permanecesse indissolúvel. Apenas no século XIII a Igreja definiu e impôs seu modelo de casamento ao qual atribuiu o estatuto de sacramento ao mesmo nível do batismo e da ordem, o que implicava que, após o casamento ser consumado e consagrado, não poderia mais ser desfeito, mesmo que as finalidades originais do casamento, os interesses das famílias, não fossem atingidas. A partir do século XIII, a Igreja foi ganhando poderes na instituição casamento, que permanecem até hoje. A cerimônia que acontecia em casa, se desloca para a Igreja; o padre substitui o pai da moça, é ele quem coloca a mão de um na mão do outro, entre outros. E assim, a Igreja foi se fortalecendo como instituição e controle em relação à família.

É importante lembrar que neste período da Idade Média operam-se algumas mudanças na família, especialmente no que se refere à mulher, pois lhe são, gradativamente, retirados seus poderes, até que no século XVI ela é, em termos jurídicos, considerada incapaz. (GUEIROS, 1998, p. 39).

É de grande importância situar a mulher na sociedade desde esse período até os dias de hoje, para compreendermos como foi construído o seu papel no casamento e na família.

Somente em 1791, na França, com a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*, que volta a se recolocar aos poucos o papel da mulher como cidadã e, assim, um ser dotado de direitos e deveres.

O código civil brasileiro de 1917 “reservava à mulher casada um estatuto de total submissão à autoridade marital que lhe proibia, por exemplo, ter conta bancária em seu próprio nome ou ter qualquer vínculo de emprego sem autorização do marido” (GOLDENBERG E TOSCANO, apud GUEIROS, 1998, p.43).

Somente em 1962, com a luta das mulheres por um novo estatuto da mulher casada, que a Lei 4.121/62 eliminou “as incríveis discriminações que limitavam os direitos da mulher casada, considerada relativamente incapaz, no mesmo nível do indígena, do menor e do prodígio”. (GOLDENBERG E TOSCANO, apud GUEIROS, 1998, p.43).

Desse momento em diante, segunda metade do século XX, a mulher readquire aos poucos a sua plena capacidade jurídica, constituindo-se como cidadã, como sujeito de direitos e deveres. E o casamento, pelo menos nos centros médios urbanos, se firma como uma escolha mútua baseada em critérios afetivos, sexuais e na noção do amor, configurando a importância do indivíduo.

As questões cruciais do casamento contemporâneo dizem respeito à dimensão e às próprias questões advindas da perspectiva da valorização da individualidade e da necessidade de, ao mesmo tempo, criar-se vínculos de

reciprocidade entre o casal... Podemos compreender que aspectos como a indissolubilidade do casamento; as relações público e privado, delimitadas conforme o gênero; e as determinações no modelo de família hierárquica, predominantes até muito recentemente, começam a ceder espaço a outros aspectos das relações conjugais. (GUEIROS, 1998, p. 46 – 47).

Para compreender o relacionamento amoroso é necessário entender a noção de amor mencionada anteriormente, que passa a ser valorizada na escolha do parceiro. Amor como sentimento, isso é, desenvolvido a partir dos vínculos do indivíduo; e o Amor como crença social, que é a narrativa acerca do apaixonar-se, amar, casamento, relacionamento conjugal e divórcio.

O Amor, sentimento, é desenvolvido a partir de laços afetivos durante a vida. Tem seu início no primeiro vínculo humano, mãe-bebê, com um sentido adaptativo de promover sobrevivência. O bebê humano precisa ser cuidado biologicamente (alimentação, higiene, proteção...) e psicologicamente (carinho, atenção segurança, conforto...), precisa experimentar uma base segura proporcionada pelo outro, para se desenvolver e poder explorar o resto do mundo.

Segundo Bowlby (1990),

Ao final do primeiro ano de vida, e durante os segundos e terceiros anos, quando adquire linguagem, a criança se habilita a construir modelos funcionais de como esperar que o mundo físico se comporte, como o cuidador e outras pessoas significativas poderão se comportar,

acerca dela mesma e das interações entre todos. É a partir desse quadro de referência que a criança avalia a sua situação e traça seus planos. Tais modelos influem na percepção e na avaliação e podem ser mais ou menos válidos ou distorcidos. (BOWLBY, apud RAMIRES, 2003, p.407).

É a partir dos modelos que o indivíduo teve na infância, que vai se relacionar com o outro na vida afora. Não só com representações de padrões de comportamento como o bebê, mas também nas expectativas e representações dos comportamentos esperados socialmente, isto é, no conhecimento abstrato acerca do significado dos comportamentos e a relação destes com os modelos de eu e de outros. É a partir desses modelos de vínculos primeiros, que as relações vão se estabelecendo ao longo da vida e a escolha do parceiro amoroso também. Cada membro do casal procura felicidade e realização pessoal no outro, que na infância foram os pais, e na vida adulta será o cônjuge.

Freud afirma que a busca pelo parceiro é a busca pela própria mãe. Procuramos resolver no casamento um conflito que nunca será resolvido. Dentro do casamento, ou crescemos e desenvolvemos a relação com o outro, compreendendo que o outro não é e nunca será a nossa mãe, ou nos separamos. O que nos falta nunca será preenchido, mas sempre estará presente como desejo. E é essa força, libido, colocada no desejo que nos coloca na vida sempre com conflitos com o eu e o outro, à busca da completude.

Conflitos são inerentes ao sujeito, comuns à vida de todo ser humano. As vivências são permeadas por desejos e necessidades, muitas vezes conflitantes. A forma

de resolução dos conflitos, de negociação entre o casal, é que vai dar o rumo às suas vidas, podendo, muitas vezes, levar à separações.

Belino (2002) afirma que, no casamento, cada membro do casal vai assumindo papéis e tarefas específicas para desempenhar modelos já conhecidos – principalmente o dos próprios pais. O casal vai assimilando e acomodando as suas necessidades e preferências; mudando comportamentos, costumes e hábitos de antes, quando eram solteiros. Aos poucos se modificando internamente e se reorganizando, vão se adaptando frente às necessidades do outro e do casamento, desempenhando seus papéis e tarefas de modo equilibrado, a fim de suportarem e superarem as crises que vem com a mudança da vida de solteiro para casados e a construção de objetivos de vida em comum.

Slywich (1980), em Belino (2002), aponta a necessidade de passar da idealização do casamento para a realidade.

Para o casamento ter sucesso, é fundamental que o casal esteja muito disposto a se relacionar e superar as crises que certamente surgirão e, principalmente que tenham maturidade para isso; coisa que nem sempre acontece. (BELINO, 2002, p. 10).

Féres-Carneiro, faz referência a Berger e Kellner, que defendem a tese “de que o casamento é para os conjugues a principal área de auto-realização social e a base dos relacionamentos na esfera privada” (2003, p. 368). Féres-Carneiro (2003) observa na

sua prática clínica que o divórcio não está ligado à desqualificação do casamento, mas à supervalorização do mesmo. E quando não atingem as suas expectativas, as pessoas separam-se para a busca da realização de tais expectativas, por meio do recasamento.

Verifica-se em estudos de Féres-Carneiro (1997), que homens e mulheres valorizam as mesmas qualidades em seus parceiros – fiel, companheiro, íntegro, carinhoso e apaixonado, mas que as mulheres concebem o casamento como “relação amorosa” enquanto os homens como “constituição de família”

III. II. FAMÍLIA

O que nos vem à mente quando ouvimos a palavra família? Podemos pensar nas mais diversas formações, mas de imediato vemos pais e filhos.

Todos nos sabemos o que é família, já que todos fazemos parte de alguma. No entanto, temos dificuldade de definir a palavra e o conceito.

O termo “família” origina-se do latim “famulus”, que significa conjunto de servos e dependentes (esposa e filhos) de um chefe ou senhor. Assim, a família greco-romana compunha-se de um patriarca e seus fâmulos: esposa, filhos, servos livres e escravos.

A família, assim como o casamento, nem sempre foi como é hoje. Isso porque a humanidade está sempre em crise de referências simbólicas, então reorganizando coletivamente a leitura da sociedade. Ceccarelli (2007) afirma que

Um dos grandes debates atuais gira em torno das chamadas novas organizações familiares – ou novas famílias, novos arranjos familiares -, formas de ligação afetiva entre sujeitos onde existe, ou não, uma forma de exercício da parentalidade que foge aos padrões tradicionais: famílias monoparentais, homoparentais, adotivas, recompostas, concubinárias, temporárias, de

produções independentes, e tantas outras. (CECCARELLI, 2007, p. 91).

Esse complexo conjunto de famílias ganha amplitude nos últimos anos na vida pública, porém muitas vezes na privada, já ocorriam os divórcios e nascimentos fora do casamento, por exemplo.

Prado (1981) afirma que a família não é um simples fenômeno natural. Ela é uma instituição social variando através da história e apresentando até formas e finalidades diversas em uma mesma época e lugar.

Poster (1979), afirma que muitos historiadores da família pesquisaram simplesmente a família pelo tamanho e pelas relações de sangue. Um passo a mais foi dado por Áries pelo estudo da infância, mostrando que a história da família deve preocupar-se também com as qualidades emocionais das relações familiares. A família não se refere apenas à vinculação biológica entre os indivíduos, mas sobretudo aos aspectos afetivos e emocionais envolvidos na relação.

Conforme a condição social e o contexto histórico vigentes em cada época, configurações familiares são vividas. Poster (1979) aponta quatro modelos de estrutura da família - a aristocrática, a camponesa, a proletária e a burguesa - para compreender a família moderna.

A família aristocrática dos séculos XVI e XVII caracterizava-se pela concentração de riqueza na mão dos nobres. As relações eram hierárquicas e

tradicionais, sem privacidade. O casamento era um ato político para manutenção das propriedades. Os homens guerreavam, enquanto as mulheres organizavam a vida social dos castelos. E as crianças eram cuidadas pelas criadas, sem identificação com as figuras parentais, muito menos um vínculo amoroso entre pais e filhos.

A família camponesa dos séculos XVI e XVII valorizava a vida coletiva em aldeias, onde todos cuidavam de todos. A aldeia regulava o comportamento das pessoas, por meio dos costumes e da tradição. Não existia privacidade. Namoros e casamentos eram procedimentos coletivos que respondiam a “adequação” dos parceiros. As crianças eram cuidadas coletivamente pelas mulheres da aldeia, não proporcionando extensão dos laços emocionais na família.

A família proletária surge no século XIX com a industrialização. No início os laços comunitários mantiveram-se pela necessidade dos indivíduos maiores de dez anos da família precisarem trabalhar nas enormes jornadas de quatorze a dezesseis horas, fazendo com que as crianças fossem criadas por outras famílias nas ruas, de maneira informal.

Na segunda metade do século XIX, com a melhora da condição da vida para alguns, os homens continuaram a sair para trabalhar, enquanto as mães ficavam em casa com os filhos.

Uma última fase da família proletária e início da família burguesa, século XX, quando as famílias abandonam a antiga comunidade e passam a habitar os subúrbios. As

mulheres passam a se dedicar exclusivamente para os cuidados da casa e educação dos filhos, que passam a ser prioridade máxima para a família. Os homens também começam a valorizar a privacidade e a domesticidade; ocorre um reforçamento da autoridade paterna e do conservadorismo.

A família burguesa

(...) vem instituir novos padrões de relação nas famílias. Elas passaram a se fechar em si mesmas e isso marcou a separação nítida entre o público e o privado, entre o trabalho e a residência. Outra importante mudança aconteceu na diferenciação dos papéis sociais. Aos homens coube o trabalho, ter vida ativa, ser provedor material da casa, a autoridade máxima, racional e capaz de resolver todas as situações. As mulheres ficaram responsáveis por organizar a casa, cuidar e educar os filhos, valorizavam o emocional a passividade e o carinho. O casamento era para fins de procriação. Considerava-se que as mulheres burguesas estavam acima das necessidades do sexo. A afetividade entre o casal era bastante aceita e valorizada, mas a sexualidade era vivida pelos homens fora de casa. Toda mulher dependia economicamente do marido e a identidade pessoal dependia da posição que ele ocupava na sociedade. (BELINO, 2002, p. 13).

A família burguesa assume a educação, formação e preparação das crianças para a vida em sociedade. Estabeleceu-se uma relação afetiva profunda entre pais e filhos, já que houve um isolamento e reclusão da família nuclear. As crianças passam a ocupar o lugar central da vida familiar. Passam a depender exclusivamente dos pais, principalmente da mãe para satisfazer suas necessidades. Os filhos precisavam aprender

a controlar o próprio corpo, e se submeter e aceitara os valores dos pais em troca de afeto, amor.

A família nuclear burguesa é um tipo de organização familiar que se espalhou e foi adotado pelas demais classes sociais, porém continua a existir outras formas de família. Este é o modelo que predomina na sociedade em que vivemos, mas não pode ser considerado como sinônimo de família, uma vez que é mais um modelo entre vários outros configurados em um determinado momento histórico.

Atualmente o modelo burguês familiar ainda prevalece, sofrendo algumas modificações ao longo das mudanças sociais e históricas ao longo dos anos. Os papéis de cada sexo estão sendo diluídos, com o ingresso da mulher no mercado de trabalho. Os homens já não são os únicos provedores, as mulheres ganham independência, podendo sair de casa e ir atrás de seus objetivos. A sexualidade também esta sendo mais aceita, e vivida, geralmente, plenamente no casamento. As mulheres podem sentir prazer e apreciar a sexualidade.

As relações pais e filhos também sofrem transformações, mas a sua estrutura básica de amor e autoridade permanece. As crianças, bastante dependentes dos pais, devem aprender os valores transmitidos por eles, os respeitando e obedecendo. No entanto, elas ocupam o lugar central na família. Aos pais é dada toda a responsabilidade pela sua criação, proteção e educação. (BELINO, 2002, p.15).

Na família aristocrática os filhos eram depositários de investimento narcísico dos pais, que transmitiam a honra e a reputação dos nobres. Ou seja, os filhos eram criados pelo nome, pelo interesse. Com as revoluções burguesas e democráticas, implantaram outros acontecimentos como descrito acima por Poster, que nos deixaram de herança a construção da família nuclear. Nas quais os vínculos conjugais passam a ser consentidos pelos parceiros, as pessoas passaram a contrair esse vínculo por livre escolha, baseado nos critérios do amor romântico, que permitia e legitimava a escolha livre entre os parceiros para tal constituição. Esse vínculo deveria ser monogâmico, indissolúvel – para assegurar a perpetuação do bom cuidado à prole – e concentrar atenção e interesse dos adultos praticamente nos filhos.

Costa afirma que os filhos passaram a ser a coisa mais importante e intensa para o casal. Entretanto isso está mudando, porque as regras da constituição familiar estão se transformando.

A idéia da indissolubilidade do casamento foi posta em questão pelos ataques à família burguesa nos anos 60 e 70 pelas correntes de inspiração marxista e pelo movimento da contra cultura, que propunham a vida em grupos como nas antigas comunidades. E também a emancipação feminina da sexualidade e a conseqüente entrada das mulheres para o mercado de trabalho, o alargamento de suas relações sociais. Assim como o controle sobre a prole, uma vez que os filhos não são mais uma coisa compulsória, pois podem ser controlados – existe a escolha de querer ou não ter um filho.

O casamento passa a ser tornar solúvel, e é aceita socialmente essa situação. Atualmente sabemos que quando o amor acaba, ou quando o interesse sexual ou amoroso termina, o casamento pode ter um fim.

Em função dessa dissolubilidade do casamento e da livre escolha do ato de procriação, se altera o estatuto afetivo dos filhos, relação adulto - filho. O valor afetivo do filho muda, pois, antes ele era o centro da família, e hoje isso se relativizou. Como afirma Costa, o filho é muito bem querido e amado se vier no momento e circunstância exata, fora disso começam a vir os problemas no casal.

Uma vez que o casamento pode se dissolver, que se pode ter dois, três, quatro uniões, começa a se pensar em que adultos vão exercer a função parental. O valor afetivo do filho começa a variar, uma vez que também entra em jogo a questão de com quem o filho vai ficar a partir de certo momento. Isso pode trazer uma repercussão com os filhos.

Costa aponta uma terceira grande mudança que passa a existir entre adultos e crianças, a crítica a hierarquização da família, deixando as relações mais igualitárias. Acarretando uma educação gerida pelo desejo – e no desejo somos todos iguais.

Essa escolha do ato de procriação, o valor afetivo do filho relativizado em função do momento de cada um, e o igualitarismo das relações entre pais e filhos repercuti nos filhos de diversas maneiras. Costa aponta para a opacidade nas funções paternas e maternas, uma vez que não fica mais claro o que é da ordem de cada um

fazer. Com isso, o filho passa a querer o que é mais fácil, isso é em geral, a proteção afetiva via material/dinheiro.

Como a criança não consegue ter uma segurança afetiva garantida, vive na incerteza, na desconfiança, levando normalmente a excessos de mimos e presentes. Terminando em uma tirania do filho.

A incerteza do valor afetivo investido, acaba se traduzindo por excessos de demanda material e de demanda de submissão ao outro ao próprio desejo.

Assim foi se configurando a conhecida família contemporânea, na qual se observa relações quase que descartáveis, uma vez que se valoriza o imediato, o que dê prazer aqui e agora para o “eu”, à custa de muito egoísmo. Aparece uma liberdade de gozo não barrado pelo outro.

CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO

Sabemos, pelo vértice psicanalítico, que a família é uma estrutura essencial para a constituição do sujeito. Ela é responsável pela transmissão e inserção do *infans* na cultura, a ela cabe ajudar a criança a construir a sua identidade e se inserir na vida em sociedade.

É na estrutura familiar que a criança vai indagar sobre o desejo que a constituiu, sobre o desejo do Outro, e vai se deparar com o seu próprio desejo; é neste atravessamento que ela vai se tornar um ser de linguagem, barrado em relação ao gozo do Outro. (KEHL, 2001, p. 30).

O nascimento físico/biológico de um ser, tem que ser investido e transformado em filiação para que a criança se constitua como sujeito, e não só um indivíduo. A família é o grupo fundador da subjetividade, do eu, uma vez que é nas relações com o outro que se constitui o sujeito.

Freud afirma que o filho nasce do desejo de outro – pais. E a partir desse lugar no desejo do outro que vai se constituir como sujeito desejante. Para tanto, o bebê nascido precisa ser alimentado afetivamente, para além dos nutrientes orgânicos, precisa

de um investimento afetivo e prazeroso dos cuidadores, que vão lhe inserindo no mundo da linguagem, no mundo simbólico, da cultura.

Esse processo de constituição de um sujeito se dá essencialmente pelas identificações e pela dissolução do Complexo de Édipo.

Os sujeitos se constituem por vários traços identificatórios, constituídos a partir dos vários campos em que circulam e dos vários investimentos libidinais que fazem ao longo da vida.

Na identificação há um empenho em moldar o próprio ego de acordo com a característica do indivíduo em que foi tomado como modelo. (PASSOS e POLAK, 2004, p. 42).

Na identificação primária, o *infans* se identifica com os primeiros objetos de amor, os pais. Como Lacan afirma, o sujeito se identifica com o traço significante aportado pelo Outro materno. Em seguida esses são substituídos por professores, amigos, ídolos... (identificações secundárias). A personalidade do sujeito se constitui ao longo de toda a vida por identificações.

Ingressará na ordem simbólica a partir da relação com o Outro – em um primeiro momento, presentificado pela mãe - que vai *falar* com ele, oferecendo-lhe significantes que o constituirão. A criança se identifica com a mãe, uma identificação primária na

qual introjeta (incorporação) o seio da mãe. O seio aparece e desaparece; a criança vai tendo que descobrir como conseguir o seio, ser objeto de amor da mãe – narcisismo.

É o amor materno que funda a possibilidade, para a criança, de vencer a angústia de separação, tornando-se um ser - outro com respeito à mãe. O amor da mãe, já modelado pela cultura, prepara o advento do terceiro, do pai, cuja entrada em cena, através da estrutura triádica, ajuda a criança a construir a sua própria liberdade e autonomia. (PELLEGRINO, 1983, p.5).

Freud postula o Complexo de Édipo como uma etapa do desenvolvimento infantil na qual a criança precisa se haver com a separação. A separação da mãe – sua dependência e desejo - e a proibição do incesto. O movimento identificatório com o pai facilita a estruturação de uma castração simbólica, barra o gozo, uma vez que é o fundamental representante, junto à criança, da Lei.

O gozo pode ser barrado através da função paterna, operação de corte, que introduz o sujeito na ordem simbólica. Esse barramento autoriza o desejo e proíbe a satisfação plena deste. É assim, portanto, que o ser que antes encontrava-se assujeitado ao desejo materno, pode, através da metáfora paterna, advir enquanto sujeito desejante.

IV. DIVÓRCIO

Casamentos estão sendo mais desfeitos do que nunca. Dados do IBGE vêm evidenciando a queda do número de casamentos no Brasil, e o aumento no número de separações e divórcios. O período de 1991 para 2002 mostrou uma queda de 4% no número de casamentos realizados, e a taxa média de divórcios que era de 0,7 foi para 1,7. Números publicados em 2007 mostram que os divórcios aumentaram em todo país em 2006; o número de divórcios foi de 162.244, um aumento de 7,7% em relação a 2005. Esse aumento foi verificado, com pequenas diferenças, em todas as regiões do país.

O divórcio no Brasil foi legalizado há apenas 31 anos atrás, em 1977. Durante muitos anos, as pessoas que queriam ou precisavam se separar não contavam com esse amparo legal. A Lei 6515/77 regularizou a dissolução da sociedade conjugal e do casamento, isto é, regulamentou as separações e o divórcio. Com o aumento da incidência de divórcios nos países ocidentais, alterou-se a concepção de família, e também a necessidade de mudanças legais.

Para a lei brasileira, separação e divórcio tratam de institutos diferentes. A separação dissolve a chamada sociedade conjugal, colocando fim às obrigações entre os cônjuges. Mas o casamento não é dissolvido pela separação. Só o divórcio pode dissolver o casamento. Na prática um casal pode se separar de fato, isto é, não

permanecer juntos. Aos olhos da lei, a sociedade conjugal não foi dissolvida. Para realmente extinguir a sociedade conjugal, é preciso fazer a separação judicial. Esta pode ser de comum acordo entre marido e mulher (chamada consensual) ou não - há o pedido de separação litigiosa. Nos dois casos, seja separação consensual ou litigiosa estaremos falando de separações judiciais, que extinguiram a sociedade conjugal, eliminando as obrigações entre cônjuges. Mas, os separados não podem casar-se novamente, já que o casamento não foi dissolvido. Para dissolver o casamento, é necessário o divórcio.

Féres-Carneiro afirma que

Na sociedade contemporânea os indivíduos se divorciam não porque não é importante o casamento, mas porque sua importância é tão grande que os cônjuges não aceitam que ele não corresponda às suas expectativas (FÉRES - CARNEIRO, 1998, p.382).

O divórcio reflete uma exacerbada exigência dos cônjuges, herdada pelos princípios do casamento e da família moderna, uma sociedade que visa à busca da satisfação no imediato, um imperativo impossível de ser realizado.

Calligaris (2001) aponta que “para inventar um relacionamento agradável e produtivo, o projeto de conviver deve ser mais importante do que as exigências

individuais”. Estar disposto a investir na relação, não só no eu, não só no outro. Entretanto, neste mundo em que a busca do prazer e sua realização imediata estão acima de tudo, investir na relação parece estar difícil. Pois uma relação precisa de investimento, libido em movimento – também dirigida ao outro. E tudo isso envolve tempo, desgaste e envolvimento, coisas que o indivíduo moderno parece, pelos altos índices de separação, não estar disposto a bancar.

O divórcio é uma possibilidade de quebra para a busca de um novo objeto de desejo, um outro que possa satisfazer o ideal de casamento do eu. Uma oportunidade de reconstruírem suas vidas, abrindo novas perspectivas para poderem se realizar como indivíduos. Este é um lado da separação, mais existe outro, o que denuncia o fracasso na luta pela felicidade. Evidência a diferença entre o mundo real e o mundo idealizado pelas pessoas.

Uma coisa é certa, se as pessoas entrassem mais conscientes, com expectativas menos idealizadas e inadequadas, haveria menos divórcios traumáticos, pois evitaria a consumação daqueles que já são desde o seu início inviáveis (...) quando as expectativas são menores e mais condizentes com a realidade, a frustração por não ter dado certo também é tão grande e surpreendente. (BELINO, 2002, p. 29).

A situação de divórcio é sempre difícil para todos envolvidos, uma vez que entram em jogo aspectos psicodinâmicos, fantasias infantis de ataque e destruição do casal parental são mobilizadas por todos os membros da família. Essa conjuntura trás uma nova configuração física e psíquica para toda a rede familiar, que vai desde as tarefas práticas do cotidiano até as subjetivas como o clima emocional. A separação trás de fato uma mudança com efeito traumático; um excesso que terá que ganhar sentido na vida de cada sujeito.

Os pais têm que se haver com a realidade, a quebra da ilusão do casamento perfeito - do mito da família feliz; e as crianças, principalmente, com duas grandes perdas – “a da família intacta, juntamente com a proteção real e simbólica que esta fornece, e a presença de um dos pais na sua vida diária.” (BELINO, 2002, p. 33)

Atualmente as relações com os filhos são demasiadamente investidas de afetos, colocando as crianças no centro da família, um lugar supervalorizado, super-investido narcisicamente. A separação conjugal abala essa estrutura estável que garantia conforto para a criança, configurando uma nova estrutura familiar, um novo lugar de investimento narcísico. Há um enfraquecimento da proteção oferecida pela família à criança, um desequilíbrio gerado pela confrontação da perda e da necessidade de reorganizar as representações internas de padrões familiares.

O divórcio evidencia para a criança tudo aquilo que havia de insatisfatório na vida familiar, e que encontra uma forma de expressão do inconsciente no comportamento delas. Muitas fantasias infantis são reativadas, no caso de crianças um

pouco mais velhas, ou podem ser vividas como realidade externa no caso das pequenas. São fantasias de rejeição, abandono, culpa, entre outras.

Dolto afirma que “A criança sente-se o centro do mundo. Quando acontece alguma coisa em função da qual ela vem a sofrer ou alguém vem a sofrer, ela acredita ser o agente provocador.” (DOLTO, p. 96, 2003). Isso porque as crianças têm a imaginação infantil de ser a própria causa de tudo, porque deseja ter sido a causa.

A criança não é um ser passivo, reage diferentemente às tensões do ambiente, segundo o momento em que essas tensões vão agir no contexto infantil, já estruturado de acordo com a idade. Em cada fase do desenvolvimento infantil ela irá expressar um tipo de comportamento conforme a sua percepção do problema, por exemplo, se isolar das relações sociais, em uma posição mais depressiva.

A separação dos pais em si, não é um problema para a criança. A situação é uma vivência de forte experiência de angústia para todos que a vivenciam. Mais uma parte dessas fantasias e angústias, fazem parte do dinamismo das crianças, em si mesmo. O importante é como os pais vão esclarecer à criança a situação vivida, ajudando-a a dissipar a angústia que esta vivência gera.

V. MÉTODO

Desde as suas origens, a psicanálise surge não só como terapêutica mas também como um método de investigação, inicialmente bastante subordinada ao projeto científico. No texto freudiano intitulado "Análise terminável e interminável" está colocada uma perspectiva fundamental para se pensar a investigação em psicanálise. Nele vemos que o método psicanalítico é posicionado não na busca de um objetivo determinado ou de algo a ser concluído, mas como um procedimento processual. Trata-se de uma característica do processo psicanalítico diretamente relacionada às peculiaridades da subjetividade humana: a contínua abertura para o devir. (SAFRA, 2001, p. 27).

Freud diz que a psicanálise tem três sentidos: um método de investigação, uma forma de tratamento e a teoria psicanalítica (LOWENKRON, 2000). O essencial para Freud, e para esta pesquisa, é o método.

O método psicanalítico se alicerça nos conceitos fundamentais da psicanálise – o inconsciente dinâmico, a resistência e a transferência. “Em outras palavras, trata-se, antes, de qualidade e não de quantidade.” (LOWENKRON, 2000, p.763).

Qualidade no sentido em preocupa-se menos com as generalizações e mais com o aprofundamento e abrangência da compreensão dos indivíduos que estão envolvidos, cuidando da complexidade da situação vivida pelas crianças no processo de separação

dos pais. Privilegiando que o pesquisador se volte mais para o processo subjetivo envolvido nessa construção do sujeito, procurando compreender e não apenas explicar os fenômenos.

... não se busca estudar o fenômeno em si, mas entender seu significado individual ou coletivo para a vida das pessoas. Torna-se indispensável assim saber o que os fenômenos da doença e da vida em geral representam para elas. O significado tem função estruturante: em torno do que as coisas significam, as pessoas organizarão de certo modo suas vidas.... (TURATO, 2005, p. 509).

Para isso busca a descrição do indivíduo e as interpretações subjetivas provenientes da experiência de vida, campeando entender o processo pelo qual a criança constrói significados e descreve o que são estes.

De acordo com Minerbo (2003), “Freud descobre o que descobre interpretando”. Com uma escuta peculiar o analista presta atenção aos elementos secundários e marginais à conversa, que permitem o processo interpretativo.

Para alcançar a compreensão que a criança tem da separação dos pais, foi utilizado o método psicanalítico, através da interpretação dos conteúdos colhidos pelo processo psicodiagnóstico - entrevistas semi-dirigidas com os pais separadamente, e aplicação do Procedimento de Desenho de Família com Estória com a criança.

É importante ressaltar que o processo de psicodiagnóstico realizado visou além da contribuição para esta pesquisa, levantar hipóteses diagnósticas do caso para um melhor encaminhamento para o sujeito.

V. I. Sujeito:

A escolha do sujeito foi realizada pela faixa etária, criança – segundo o ECA, a pessoa até doze anos de idade incompletos - que vivenciou a situação de separação dos pais no período de um a quatro anos atrás. Um dos critérios foi de que a criança tenha vivido junto com os pais até a separação na mesma residência – pai, mãe e filho(s), possibilitando assim uma vivência de família unida, que vai ser diferente após o momento de separação do casal.

Foi selecionado um caso já triado pela clínica psicológica “Ana Maria Poppovic”, que esteve de acordo aos critérios da pesquisa; solicitado presença dos pais separadamente e indagada a concordância em realizarem o processo de psicodiagnóstico com vista tanto a compreensão e análise da criança, quanto da participação da pesquisa.

O participante desse estudo, João, 7 anos e 11 meses; filho único, da primeira união estável de ambos os pais; pertencente à camada média urbana da cidade de São Paulo. Os pais foram casados durante 12 anos, e estão separados desde Outubro de 2005, e já divorciados. Seu nome e os demais citados foram alterados para a manutenção do sigilo.

- DADOS SIGNIFICATIVOS DA HISTÓRIA DE VIDA DO SUJEITO

João nasceu de cesariana, prematuro de 35 semanas, por falta de oxigenação fetal, devido ao quadro diabético materno. Ficou em incubadora nos dois primeiros dias recebendo insulina, mais logo esse quadro de hipoglicemia se normalizou e a criança teve alta da maternidade junto com a mãe, no terceiro dia.

Os pais descrevem uma gestação inicialmente tranqüila, mais que se tornou de alto risco quando diagnosticado o quadro diabético da mãe no sexto mês de gestação. Tanto o pai quanto a mãe contam que queriam muito um filho, mais este não vinha de modo natural. A mãe diz que como não tinham condições econômicas de bancar um tratamento de fertilização seguiram a vida, e no oitavo ano de casados descobriu que estava grávida. Relata que ficaram muito contentes e animados com a novidade, curtiram bastante a gestação, preparando o espaço para a chegada do bebê. A mãe diz que foi tudo como sempre sonhou - o enxoval, o quartinho, o hospital que queria. O pai bastante presente e participativo.

Enquanto pequeno foi cuidado pelos pais, e na quarentena da mãe a avó paterna também esteve presente na casa para ajudar. A rotina da criança foi ao lado da mãe até os sete meses, quando esta resolveu voltar a trabalhar, pois relatou não se sentir mais satisfeita só cuidando do filho o dia todo. Nessa época a avó paterna mudou-se para a casa da família para cuidar do neto, pois o pai não concordava em colocar o menino tão pequeno em berçário. Essa avó sempre cuidou de João, até Julho de 2005, quando ela resolveu sair da casa da família, frente à situação bastante tensa do casal.

João foi amamentado no peito até os quatro meses. A mãe relata que como o filho não ganhava peso suficiente, com três meses e meio foi introduzida a mamadeira e aos poucos a alimentos sólidos. Diz que o filho foi deixando o peito sozinho, pela facilidade e novidade dos outros alimentos. A mãe relata que lidou bem com a situação, pois ela quem preparava e alimentava o filho, além de cuidar de toda a sua rotina.

O desenvolvimento de João foi normal, começou a falar com um ano e dois meses, e a andar na mesma época. Chupou chupeta até quase três anos de idade, deixou-a quando o pai jogou-as fora e ele logo se acostumou. Entrou na escola com 3 anos e 3 meses, situação descrita como uma adaptação rápida e fácil. A mãe conta que João subiu a rampa da escola e nem olhou para trás, a única dificuldade era a queixa escolar inicial da dificuldade dele dividir os objetos, mais que logo foi superada.

Nesta primeira escola João teve um quadro epilético, o qual nunca foi detectado a causa biológica. A mãe conta que levou o filho a neurologista, realizou exames, fez um acompanhamento durante o ano, mais nada foi encontrado. Com o acontecido, resolveram mudar a criança de escola, “para uma mais cara, com menos crianças e mais cuidados” (sic mãe). Permaneceu nesta segunda escola até os cinco anos, tendo que mudar para uma terceira que contasse com o Ensino Fundamental, na qual encontra-se atualmente.

Na escola João é um bom aluno, sempre com notas altas. A única queixa refere-se a sua agitação. Frequenta também escola de inglês e futebol, ambientes que também não apresenta dificuldades em nenhum aspecto.

Os pais descrevem João como uma criança muito agitada desde pequeno. Ainda no berço se mexia muito, e hoje dormindo na cama se vira, bate braços e pernas na parede encostada na cama e as vezes cai da mesma. Durante o dia, os pais o descrevem como bastante agitado, inquieto e ansioso. Precisa ter sempre alguém informando o que ele deve fazer, e repetindo a tarefa algumas vezes. A mãe descreve isso como desobediência e enfrentamento, enquanto o pai diz que compreende tal necessidade e coloca frente ao filho tais tarefas com mais eficácia, não tendo que repeti-las.

João, atualmente com 7 anos e 11 meses, vive com a mãe, e passa os finais de semana quinzenalmente com o pai. Além de vê-lo as quartas feiras na hora do jantar. Os pais se separaram em Outubro de 2005, quando ele estava com 4 anos e 11 meses. Foi uma separação litigiosa, que pelo relato dos pais, já vinha se configurando no ambiente familiar a mais de um ano.

João presenciava na casa, os pais não dormindo mais juntos a mais de um ano. E nos últimos meses, revezavam para um sair, enquanto o outro ficava em casa com o filho aos sábados à noite.

Ana e Pedro descrevem o filho, na época da separação, como o mesmo menino de sempre. Não percebem alterações no seu comportamento, atitudes diferentes, ou outras. Dizem que ele estava agitado e ansioso como sempre.

Outro dado significativo na vida de João foi um aborto de cinco meses de gestação que a mãe sofreu quando ele estava com 3 anos e dois meses. A mãe conta que já vinha preparando o filho para chegada de um irmãozinho, e depois teve que explicar que “papai do céu tinha levado o irmãozinho” (sic mãe). Os pais contam que ele sempre pede um irmãozinho. E agora, a mãe está grávida de três meses do atual companheiro, situação que fica bem ilustrada nos comportamentos atuais de João, como pedir mais atenção à mãe - pedindo para que ela durma com o filho, não deixe a luz do quarto apagada, pedir para não ir para escola.

- DADOS SIGNIFICATIVOS DA HISTÓRIA DA FAMÍLIA

Ana e Pedro conheceram-se em Apucarana, logo resolveram casar. Noivaram e foram morar na casa dos pais dele. Planejavam uma pequena festa de casamento, que saiu dos planos com o falecimento do pai de Pedro.

Vivem lá por quase dois anos, mais como o trabalho de Pedro não ia bem, resolveram mudar para São Paulo, onde vivia a família dela. Os dois trabalhando na área do comércio, só se viam à noite e aos domingos, pois ela trabalhava aos sábados.

Descrevem uma união boa e gostosa, na qual conversavam bastante planejando a vida a dois. Os planos de ter um filho foram se postergando por não conseguir engravidar.

No oitavo ano de união, Ana descobriu que estava grávida logo nos primeiros dois meses da gestação. Conta que o casal curtiu bastante a chegada do filho. A mãe cuidou dele até o sétimo mês de vida, e depois resolveu voltar ao trabalho, não estando satisfeita só em cuidar da criança. Na época a avó paterna mudou-se para a casa da família para cuidar do neto, e cumpriu essa função até Julho de 2005. Ela era a responsável por ficar com a criança em casa, dar almoço, banho... Com o tempo levava para a escola. O pai relata que sempre trabalhou, saía cedo de casa mais na volta curtiava o filho. Conta que brincava, assistiam TV juntos, jogavam videogame... E depois do jantar, colocava o menino para dormir.

Ana e Pedro contam que o casamento já não ia bem em 2003, quando Ana engravidou, pensando que isso iria melhorar a união, mais contam que depois do aborto em Dezembro de 2003, com cinco meses de gestação, tudo piorou. Descrevem o último um ano e meio do casamento como de desentendimentos, diziam não entender o que acontecia. Aos poucos foram se afastando cada vez mais, Pedro saiu do quarto do casal e foi dormir na sala, e depois de um tempo, quando João descobriu que o pai dormia na sala, mudou-se para a cama de baixo do menino, época em que a avó saiu da casa.

A separação ficou estabelecida em Outubro de 2005, quando após uma briga do casal, Pedro saiu de casa. Tanto Ana, quanto Pedro, dizem que foram traídos. Ambos relatam que não sabiam de nada, só percebiam que as coisas não estavam indo bem,

então contrataram detetives e descobriram que o cônjuge tinha outro parceiro (a), com os quais, mantêm relações até hoje.

V. II. PROCEDIMENTO

Para ter acesso à concepção que as crianças que vivenciaram a separação têm de tal situação, buscou-se através do método do psicodiagnóstico, elementos para tal compreensão. Por outro lado, acredita-se que é necessário um instrumento que permita que a criança se coloque, depositando suas projeções sobre a situação vivida, permitindo aflorarem aspectos que permeiam a separação dos pais em seu imaginário, seus conflitos frente a essa situação e como estão elaborando e representando a nova possibilidade de família.

Para tanto a estratégia metodológica utilizada foi a do Procedimento de Desenho de Família com Estória (abreviadamente, DF-E), um instrumento projetivo que envolve o tema família, permitindo que a criança projete sua situação familiar e conflitos ali envolvidos, a partir da técnica gráfica, pela facilidade de acesso a partir do não verbal e da familiaridade deste instrumento pelas próprias crianças. A escolha deste instrumento deve-se ao seu aspecto lúdico, fator importante no desempenho, atenção e realização da pesquisa com a população de tenra idade. Possibilitando a identificação de conflitos decorrentes das relações familiares e suas implicações no desenvolvimento infantil, por meio da análise do material gráfico e verbal.

Este instrumento é o resultado da combinação da técnica desenhos de família e apercepção temática, proposto por Trinca em 1978, aprimorado pelo mesmo em 1986. É um instrumento para uso clínico e de pesquisa, não se tratando de um teste psicológico.

O DF-E possibilita “a observação de determinados aspectos inconscientes e conscientes da personalidade, mais especificamente para uma abordagem da estrutura e da dinâmica da família em que o indivíduo está inserido” (TRINCA, 1997, p. 219).

Esta é uma técnica recomendada a se aplicar em casos clínicos em que se intua perturbações emocionais que se devam predominantemente a conflitos e fatores familiares, do mundo interno e/ou externo do sujeito, apreendidas com mais facilidade nos casos de adoção, separação dos pais e institucionalização.

A técnica de aplicação consiste na realização de quatro desenhos de família, seguido cada qual de estória, com título elaborado pela criança e um inquérito por parte do profissional. Os desenhos solicitados são: uma família qualquer; uma família que você gostaria de ter; uma família em que alguém não está bem; sua família. Das estruturas menos estruturadas para as mais estruturadas, permitindo uma exploração do inconsciente e dos conflitos familiares.

A avaliação desse procedimento é realizada pela interpretação dos significados dos conteúdos comunicados direta ou indiretamente pelo sujeito, levando em consideração:

As características das figuras paterna e/ou materna; tipos de vínculos e formas de interação com as figuras parentais; trocas sexuais e afetivas entre as figuras parentais; relacionamentos com figuras fraternas e outras figuras do meio familiar; determinantes da estrutura e da dinâmica familiar; forças psicopatológicas e psicopatogênicas existentes na família; eventos familiares reveladores de conflitos e dificuldades; pontos centralizadores de conflitos e dificuldades no examinando; descrição que o examinando faz de si próprio; atitudes para com a vida e a sociedade; tendências, necessidades e desejos; tonalidades das angústias e das fantasias inconscientes predominantes; características de vida e de destrutividade; mecanismos de defesa; fatores de aquisição da individualidade e de integração do self; outras áreas de experiência emocional. (TRINCA, 1997, p. 28).

Com os pais da criança foram realizadas separadamente entrevistas semi-dirigidas, a fim de elucidar o contexto desta família, abordando os temas união do casal, construção familiar e separação.

V.III. CONSIDERAÇÕES ÉTICAS:

Como regulamenta o CFP nº 16/2000, esta pesquisa garantiu em respeito à autonomia, liberdade e privacidade dos indivíduos participantes, o cuidado com o sigilo dos conteúdos, preservando e protegendo a integridade física e emocional.

Em conformidade com os dispositivos da Resolução número 196 de 10 de Outubro de 1996 e demais resoluções do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde, em que os critérios de relevância social, da relação custo/benefício e da autonomia dos sujeitos da pesquisa foram preenchidos.

Todas as normas da resolução 196/96 do Ministério da Saúde, relativas à pesquisa que envolve sujeitos humanos foram cuidadosamente discutidas e seguidas. O trabalho foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica de São Paulo e registrado no Ministério da Saúde com o número 140/2008.

Se tratando de um atendimento de Psicodiagnóstico realizado na Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic”, o suporte psicológico foi garantido a todos os participantes envolvidos nesta pesquisa, na devolutiva final deste processo. E encaminhamentos foram realizados, de acordo com o fluxo da instituição.

VI. RESULTADOS

O processo psicodiagnóstico realizado foi analisado, por um viés psicanalítico, buscando compreender o sujeito, e como ele compreende a separação dos pais. As entrevistas semi-dirigidas realizadas com os pais separadamente, foram interpretadas a fim de elucidar o contexto familiar, e auxiliar a análise do material colhido com a criança.

O procedimento de Desenho de Família com Estória possibilitou através da interpretação dos significados dos conteúdos comunicados direta e indiretamente pelo sujeito, a observação de determinados aspectos inconscientes e conscientes da personalidade, mais especificamente de uma estrutura e dinâmica da família em que o sujeito está inserido.

A análise do material gráfico e verbal apresentado nos desenhos e histórias realizados por João no Procedimento de Desenho de Família com Estória, apresentados em anexo, permitiram compreender conflitos internos, fantasias e estruturação psíquica do sujeito.

No primeiro desenho, *de uma família qualquer*, tanto a construção das figuras quanto a história, falam de uma identificação com a figura materna. João trás a figura de uma mãe que não se preocupa com o filho, pois está muito voltada para si mesma. E ele

também se utiliza desse mecanismo de se voltar para si, ficando a mercê da “Suellen”, que o contamina (“*já pois vírus no meu computador*”, sic J.). Ele precisa se proteger, colocando senhas secretas, porque não tem a proteção da mãe.

Aparece uma grande dificuldade de entrar em contato com uma mãe suficientemente boa, protetora. João conta de uma mãe que foi assaltada, que está muito frágil. Possivelmente como ele se sente, tendo que assaltar essa mãe e roubar as coisas que lhe faltam, que ele acredita que ela tem e não lhe dá.

Está assolado por fantasias da figura materna, que lhe deixam muito fraco, então busca proteção extra no “*ursinho*”, se identificando com o pai. Uma sustentação externa, em um objeto transicional, onde pode recuperar a figura paterna, uma fantasia de ter essa figura mais próxima, criando uma ilusão de conforto.

Fica clara uma cena de isolamento e separação, onde cada um está na sua e com o interesse específico, sem vínculos. Desta forma precisa buscar fora uma sustentação egóica.

No segundo desenho, *uma família que você gostaria de ter*, fica clara a situação de solidão. João coloca que a família ideal seria a complementaridade nas identificações tanto de pai, quanto de mãe. Mostra através da dupla irmão, como essa dupla se sai bem em tudo (“*ai teve prova e a gente tirou 10; a gente jogou e o nosso time ganhou; e a gente foi o primeiro da fila; teve prova e a gente tirou 9,5*, sic J.”), tudo muito positivamente. João fala de uma falta, do que não tem. Na família falta algo para que

possa se sentir inteiro, então busca essa complementaridade através de um irmão, alguém da mesma idade. Uma relação idealizada com uma criança do mesmo nível.

No terceiro desenho, *uma família em que alguém não está bem*, João se identifica com a figura de alguém que está muito mal - cego e com câncer. Se sente extremamente atacado, completamente a mercê e dependente de tudo - “*O menino tá cego e com câncer, e é anão*”, sic J. Está se vendo muito fragilizado e ameaçado. No desenho aparece sem braços, o que lhe impossibilita o contato físico, ficando muito destituído de proteção.

O pai, cuidador, aparece desempregado, ou seja, fragilizado, não tendo toda a potência que poderia se esperar de um pai.

Por trás de um jogo aparente de sátiras, bem comunicativo, *out going* do menino, fica uma carga de um temor muito grande de fragilidade, peras, de não dar conta das relações.

O último desenho, *sua família*, João coloca a realização de seus desejos, a família dele como deveria ser, pai, mãe e ele em uma intimidade, uma interação de muita proximidade, que é o que ele não tem. “*Ai jantamos em casa e jogou um pouquinho de videogame e fui dormir com meu pai... e minha mãe, né*”, sic J.

No desenho João fica mais próximo do pai grande, e distante da mãe, mostrando também uma identificação maior a figura paterna.

Compete também uma complementação sobre os caracteres gráficos, frente à infantilização dos desenhos. Fica presente uma precariedade no equilíbrio corporal e uma significativa falta de controle. João desenha com bastante tensão, força o lápis sobre o papel, possivelmente como uma forma de descarga. Os desenhos das figuras humanas aparecem com o pescoço muito fino e frágil, revelando uma fragilidade de contato, uma dificuldade de entrar em contato com o outro e com seus próprios conteúdos.

VI. I. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Os resultados obtidos nesse estudo permitem compreender que João mantém o núcleo familiar interno, o que parece ser um aspecto positivo dentro dessa separação. Internamente continua a triangulação pai, mãe e filho, sem quebras ou intrusões. Isso não impede que ele se sinta instável e frágil, frente a uma solidão latente, da qual precisa estar com alguém. Ao mesmo tempo em que quando olha para si, percebe-se muito fragilizado, sem possibilidades de estabelecer vínculos com o mundo.

A estrutura familiar vem se modificando ao longo dos anos, mais a referência talvez continue sendo a família nucleada, pai, mãe e filho(s). Um dos grandes debates atuais, segundo Ceccarelli (2007), gira em torno das novas organizações familiares, mais ao que tudo indica, a representação interna permanece a mesma.

Com a invenção da pílula anticoncepcional – a escolha do ato de procriação – e a possibilidade de dissolubilidade do casamento, a estrutura familiar ganhou novas possibilidades. No caso apresentado a família já se reestruturou de uma nova maneira, os pais estão cada um com um novo companheiro (a); a mãe está grávida do companheiro atual, por exemplo. Assim mesmo, a representação interna da família parece persistir como nos moldes mais antigos. A criança desenha a sua família como a família que tinha - pai, mãe e ele. Como afirma Dolto “As crianças têm necessidade de inventar quando algo é difícil demais de assumir.” (DOLTO, 2003, p.39).

Uma pesquisa francesa sobre uma amostra de filhos de pais divorciados, feita por intermédio de testes projetivos, evidenciou neles a imagem de um casal solidário imaginário. (DOLTO, 2003, p. 100).

Os resultados reafirmam que o casal parental é inseparável no inconsciente dos filhos, ele está interiorizado em todas as crianças. Nesse sentido, os pais casados ou separados formam um casal interno para ela.

No caso apresentado, o casamento é descrito como uma situação que não ia bem há algum tempo. Cronologicamente, Ana e Pedro se separaram quando o filho estava com 4 anos e 11 meses, mais relatam que em 2003 a relação já estava “estranha”. Nessa época, João estava com aproximadamente 3 anos, idade em que fantasias edípicas estão bastante presentes. O desejo de ter a mãe só para si rivaliza com a presença do pai. O afastamento dos pais primeiramente em casa, e depois na separação conjugal, afirma sua potência de poder ter toda a mãe, ao mesmo tempo em que desperta o sentimento de culpa pela dissolução do casal.

Dolto afirma que

A criança sente-se o centro do mundo. Quando acontece qualquer coisa em função da qual ela vem a sofrer ou alguém vem a sofrer, ela acredita ser o agente provocador...

... o comportamento edipiano da criança provocou...
(DOLTO, 2003, p. 96).

A criança acredita que tem alguma coisa a ver com isso, enquanto na realidade a fraqueza estava no casal. A criança pode, como nesse caso, ficar assolada por essas fantasias.

A figura paterna, assim como a materna, não tem tudo que ele deseja para lhe oferecer. São incipientes, não complementando todas as suas necessidades. A questão do desamparo, da solidão, da desproteção são pontos que a criança experimenta na relação com os pais. Tem a ver com a separação desses, mais também com uma situação cultural atual, que talvez esteja presente em crianças com pais casados também.

A desproteção que as crianças sentem tem um tanto a ver com uma situação cultural em que vivemos, em que as crianças, para se sentirem amadas, precisam ser reafirmadas dessa posição constantemente com provas materiais. Isso vai gerando uma insegurança afetiva por parte de todos – pais e filhos – principalmente para os pequenos, que vão criando uma imagem que se gratifica é porque se ama, e se não gratifica é porque não se ama.

Nas famílias tradicionais, a figura paterna era uma posição importante de guiar para a lei - o corte da satisfação plena e a inserção da realidade, e com ela a falta (não completude). Como aponta Costa, atualmente as relações entre pais e filhos estão mais

igualitárias, não se tem nenhuma autoridade dentro das famílias, os pais são questionados pelas próprias crianças.

Como já apontado no trabalho, a escolha do ato de procriação, o valor afetivo do filho relativizado em função do momento de cada um, e o igualitarismo das relações entre pais e filhos repercuti nos filhos de diversas maneiras. Costa aponta para a opacidade nas funções parentais, uma vez que não fica mais claro o que é da ordem de cada um fazer. Com isso, o filho passa a querer o que é mais fácil, isso é em geral, a proteção afetiva via material.

Como a criança precisa receber “algo” para se sentir amada, o afeto vai ficando muito carregado do material, e a criança vai ficando muito insegura quando não ganha - não consegue ter uma segurança afetiva garantida, vive na incerteza, na desconfiança.

Nos resultados do Procedimento de Desenho de Família com Estória aparece a solidão, desamparo e desproteção, temas relacionados com as famílias do mundo ocidental atual, que não apresentam nenhuma figura claramente protetora, uma vez que os pais estão cada vez mais tempo fora de casa trabalhando; a criança se vê em apelos consumistas, nos quais a gratificação vem por meio da satisfação de desenfreados desejos imediatistas e consumistas.

Freud (1974), em *O Futuro de uma Ilusão*, afirma que uma das duas tendências humanas para a civilização é a administração das relações humanas para que essas se ajustem, e a outra é a utilização do conhecimento para lidar com a natureza. O ser

humano precisa ser castrado simbolicamente para poder viver em sociedade, para tanto a importância da família e suas funções, especialmente o corte do gozo pela função paterna. O ser em constituição se priva da satisfação plena para a vida com o outro. Recalques são necessários para o indivíduo se tornar um ser social.

Na sociedade ocidental atual, parece que as relações humanas não estão dando conta de satisfazer o homem, que muito centrado no seu narcisismo, está preso na satisfação imediata de desejos consumistas e individualistas. A busca pela felicidade da maneira que for preciso - nas drogas, no culto à perfeição corporal, na religião... É a cultura do bem-estar, a busca constante do prazer. Uma cultura extremamente centrada no individualismo, enfraquecendo os laços sociais, e conseqüentemente, aumentando o desamparo.

O desamparo é algo constituinte do sujeito, refere-se ao estado inicial no qual o lactante depende inteiramente de outro para a satisfação de suas necessidades, é o desencontro entre o que deseja e o que acontece. Na sociedade atual esse desamparo está aumentado, pelo enfraquecimento dos laços de solidariedade; pela distância do que o sujeito deseja e o que o outro pode lhe oferecer. A criança fica desamparada, frente suas necessidades e as respostas dos outros, no caso os pais.

No caso clínico apresentado, a criança apresenta bastante desamparada, mas mesmo assim, consegue suprir bem as questões emocionais que carrega, alcança superar as dificuldades do dia-a-dia, à custa de um quadro bastante ansioso, pois ainda não se

apropriou de questões latentes como medos, inseguranças, sua destrutividade, e suas faltas de contatos com as figuras parentais, principalmente a mãe.

Nos resultados fica evidente que a criança tem ainda dificuldades de aceitar a separação dos pais, quando desenha “a sua família” como a família que na realidade gostaria de ter, seu pai e mãe juntos com ele, não só jogando bola, mais também dormindo juntos, na mesma casa. A figura interna da família continua sendo a família nuclear pai, mãe e filho, sem separações ou intrusões, é a representação interna da família, como nos seus desejos e fantasias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse estudo foi possível perceber que o casal parental permanece inseparável no inconsciente da criança, ele está interiorizado. Quebras, separações, intrusões na estrutura familiar podem ser configurações externas, entretanto a representação interna de família continua a constituir o núcleo triangular – pai, mãe e filho.

Existem as questões psíquicas próprias de como cada sujeito vai simbolizar as suas vivências, mais acredito que não podemos desconsiderar a cultura em que estamos inseridos. Uma cultura muito individualista, centrada no narcisismo, regida pelo capitalismo desenfreado.

Como Freud afirma, todo ser humano vive em conflito com a realidade (com a civilização), tenta se lidar com isso na relação com o outro sujeito. Se hoje a cultura é tão individualista, o indivíduo vai ter que achar outro modo de lidar com suas questões - drogas, religião, culto ao corpo perfeito... Uma vez que as relações com o outro evidenciam faltas e não são apenas fontes de prazer. A falta do outro comprova que nada é todo, nem eu; e que não sendo todo, nada é cem por cento prazer. Por isso essa cultura do imediato e do descartável, na qual tudo muda muito rápido, na busca de uma satisfação plena de desejos.

A separação dos pais pode colaborar para aumentar essa sensação de desamparo e desproteção nas crianças, mais que é própria desse contexto cultural de super investimento nos filhos, que responde a todo um investimento dos pais – projeções dos ideais parentais – dentro de uma cultura muito narcísica.

O presente estudo me permitiu ter uma maior compreensão acerca da importância dos fatores aqui analisados. Após a discussão destes resultados considero que atingi meus objetivos de investigar como as crianças que viveram a separação dos pais recentemente compreendem essa situação. Contudo cabe pensar como as vivências vêm sendo elaboradas nas novas organizações familiares, dentro dessa cultura do individualismo, do consumismo, do imediatismo... E o lugar que os filhos passam a ocupar dentro desses rearranjos. Seria interessante estudar se com um maior tempo transcorrido de separação dos pais, as crianças re-elaboram de uma maneira diferente a representação familiar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELINO, Carolina Laserra. *Vivenciando a separação dos pais: quatro crianças, quatro histórias de vida*. São Paulo, 2002. 113p. Trabalho de Conclusão de Curso – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

CALLIGARIS, Contardo. Batalha de mitos: casamento ou liberdade? *Folha de São Paulo*. São Paulo, 8 Mar. 2001.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: Mitos e verdades. Jornal de Psicanálise. São Paulo, v. 40, n. 72, p. 89-100, jun. 2007.

COSTA, Jurandir Freire. Café filosófico: O filho e o casamento. DVD - Cultura marcas. [s.d.]

DOLTO, Françoise. Quando os pais se separam. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. , 2003.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. A escolha amorosa e interação conjugal na heterossexualidade e na homossexualidade. Psicologia Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.10, n.2. 1997.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. Psicologia Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v.11, n.2, p. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. Estudos de Psicologia, Natal, v. 8, n. 3, p. 367-374, set./dez. 2003.

FREUD, Sigmund. (1927-1931 [1927]) O Futuro de uma Ilusão – O Mal-Estar na Civilização e Outros Trabalhos. In: Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1974.

GUEIROS, Dalva Azevedo. *Casamento Contemporâneo: uma construção negociada entre os parceiros*. São Paulo, 1998. 173p. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) – Faculdade de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

KEHL, Maria Rita. Lugares do feminino e do Masculino na família. In: M. Cecília Comparato e Denise F. Monteiro: A criança na contemporaneidade e a psicanálise (V.1). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

LOWENKRON, Theodor S.. Questão da pesquisa em Psicanálise: “Prova-se do pudim comendo-o?” Revista Brasileira de Psicanálise. São Paulo, v. 34, n. 4, p. 749-766, 2000.

MINERBO, Marion. O método psicanalítico em Freud. Revista Brasileira de Psicanálise. São Paulo, v. 37, n. 2/3, p. 271-278, 2003.

PELLEGRINO, Hélio. Pacto Edípico e Pacto Social - da gramática do desejo à sem vergonhice brasílica. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 11 Setembro 1983. Folhetim, p. 9-11.

POSTER, Mark. Teoria Crítica da Família. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

PRADO, Danda. O que é família. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. As transições familiares: a perspectiva de crianças e pré-adolescentes. Psicologia em estudo, Maringá, v.9, n.2, p. 183-193, mai./ago. 2004.

RAMIRES, Vera Regina Röhnelt. Cognição Social e Teoria do Apego: Possíveis Articulações. Psicologia: Reflexão e Crítica, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 403-410, 2003.

SAFRA, Gilberto. Investigação em Psicanálise na Universidade. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 12, n. 2, 2001.

SOUZA, Rosane Mantilla. Depois que papai e mamãe se separaram: um relato dos filhos. Psicologia: Teoria e Pesquisa. Brasília, v.16, n. 3, p. 203 -211, 2000.

TOLOI, Maria Dolores Cunha. *Filhos do divórcio: Como compreendem e enfrentam conflitos conjugais no casamento e na separação*. São Paulo, 2006. 173p. Tese

(Doutorado em Psicologia clínica) – Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TRINCA, Walter. (Org.). *Formas de investigação clínica em psicologia*. São Paulo: Vetor, 1997.

TURATO, Egberto Ribeiro. Métodos qualitativos e quantitativos na área da saúde: definições, diferenças e seus objetivos de pesquisa. Revista Saúde Pública, Campinas, v. 39, n. 3, p. 507-514, 2005.

SITES CONSULTADOS

Disponível em

<<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2006/default.shtm>>

Acesso em Agosto de 2008

Disponível em <<http://www.separacao.net/divorcio/>> - Acesso em Junho de 2008.

ANEXOS

Anexo 1

- Procedimento Desenho Família com Estória

Duração 90 minutos

1 – Desenhe uma família qualquer.

Enquanto desenha diz:

To pensando..... Vou fazer a minha família.

Pezão da minha mãe.

Lápis azul escuro que ele queria, é cor jeans.

Fala que não esta de calça jeans – na realidade estava.

Fala sobre as Paraolimpíadas, que o Brasil esta em primeiro lugar.

Eu vou ser negrinho! Não tem outra cor!

ESTÓRIA

Peço para que olhe o desenho e me conte uma história... Diz que não sabe, é muito difícil.... fica enrolando, levanta..... Converso com ele... Eu começo para ir ajudando.

Olha para o desenho e pergunto quem são? Ele diz que é ele e a mãe. Fica quieto, pergunto onde estão? Diz que em casa, pergunto o que fazem em casa, diz que estão em casa vendo TV.

To sem imaginação.

Eu to no computador... e a minha mãe vai ficar vendo TV...

Daí vem a Suellen ver TV, com a minha mãe. Ela faz isso!...

E o que acontece? Daí a minha mãe sai e vai beber água e aí a Suellen põe a TV no Ídolos, que é um programa da Record, sabe?

E aí? Daí eu vou ver TV... não, apaga isso, apaga. *Ta já tirei.* Daí eu vou jogar vídeo game e aí às 3hs da manha eu vou viajar para o Rio de Janeiro.

Acabou.

O que você fazia no computador? Tava mexendo. *Mexendo no que?* Mexendo no computador. *E o que tava mexendo no computador, lendo, jogando?* Tava pondo uma senha para a Suellen não mexer.

A Suellen mexe? Sim, ela mexe em tudo... Já pois vírus no meu computador.

E aí, o que aconteceu? Ela não podia ver TV, pois o vírus no computador. *Ah, ela não podia ver TV porque pois vírus no computador?* É a mãe brigou com ela.

E o que a mãe estava vendo na TV? Futebol, do time dele, que é um horror. Começa com a letra C... Corinthians.

E a Suellen? Vai ver TV.

E aí o que aconteceu depois? A mãe voltou para ver TV... A mãe ficou vendo Ídolos... e gostou.

E você? Tava jogando videogame no meu quarto. *Que jogo?* Futebol. Ganhei de 20 a 0. Outro dia ganhei de... *Pedi para que voltasse ao desenho. Repeti que ganhou de 20X0,* e depois deu a hora e foi dormir. E elas ficaram vendo TV. As três da manha acordou para ir para o RJ. Só dormi 3 horas e minha mãe 1 hora. Porque fiquei jogando vídeo game das 9 até meia noite. Depois voltou, e depois de 4 dias foi assaltada.

E como foi esse dia? Tava legal. Ai eu peguei o meu ursinho e dormi.

Título: Tal mãe tal filho.

2 – Desenhe uma família que você gostaria de ter.

Enquanto desenha diz:

Ah, eu queria desenhar eu e meu pai.

Desenhe uma família que você gostaria de ter como você quiser.

Vou desenhar eu e meu irmãozinho.

Enquanto desenha vai contando... Que a mãe teve outro filho, mais não se cuidou e morreu, era o Hugo.

Diz que quer comer alguma coisa...

Enquanto pinta... to todinho de rosa... até o sapato. Mais tudo bem, tem homem que usa rosa.

Deixa eu pegar as cores que vou usar, pega 4 cores para marcar os cantinhos da folha.

ESTÓRIA

Eu e meu irmãozinho estamos passeando pelo parque, meu irmãozinho chama Diego e eu sou o João.

E aí? E depois a gente vai para casa jogar videogame...

Depois a gente desceu para jogar bola, e depois a gente subiu, agente viu TV, tomou banho... e... descansou para ir para a escola...

E aí?...

E aí? Depois a gente acordou, foi para a escola... e aí teve prova e a gente tirou 10.

E aí, o que aconteceu depois? E depois teve o recreio, e aí teve handball. *Ahhh...* E depois a gente jogou e o nosso time ganhou... Por... 10x1.

Depois a gente voltou da escola... a gente fez a lição de casa e desceu para jogar bola com os nossos amigos... Com o Michel e o Mateu. Mateu tá, não tem S...

(Faz barulho com o nariz...)

Depois? Depois a gente subiu, tomou banho... foi jogar videogame, viu... a gente viu a TV, fomos no computador ... e depois fomos jogar videogame...

E depois a gente jantou, se trocou e foi dormir...

Depois no outro dia a gente foi para escola com o carro novo da minha mãe... da nossa mãe, né... E ela levou a gente, pra escola, cedo. E a gente foi o primeiro da fila...

E depois, teve prova e a gente tirou 9,5...

E daí Faz barulho com a bola *ZZZZZZ*... *Pergunto o que?* Diz - nada.

Aí teve queimada na educação física...

E... só nois dois ficamos.....

(Agora não escreve não: Sabia que o meu amigo falou que quando o irmão dele quer fazer coco ele aperta o bumbum, é assim oh. *E me mostra como é apertando o bumbum*)

E aí, só vocês ficaram na Educação Física? É só a gente não ficou... *não ficou ou ficou?*

Não ficou. E aí acabou, né!

O dia foi muito legal, porque foi divertido. Imagina se tivesse um gêmeo... Você Sabia que era para eu ter um irmãozinho... ele fez 6 anos, mais minha mãe perdeu. E agora é só o Diego. O Diego é o de azul, tem 12 anos, e eu o de rosa e também tem 12 anos. *E vocês são gêmeos?* Eu não tenho irmão gêmeo. Sim, mais os dois tem 12 anos, é o que eu queria ter. É verdade, a família que você queria ter. Pronto.

Título: O irmão é legal com o irmão.

3 – Desenhe uma família que alguém não esta bem.

Enquanto desenha diz:

Um deficiente? Não sei fazer... Já sei... Uma pessoa cega, pode ser?

Um adulto que é cego.

Um pai e um filho.

O pai ta bem, ta forte.

Se referindo ao menino diz: E ele não tem braço. E também é careca e está com câncer.

Enquanto pinta: Pergunta se a caixa de lápis de cor é nova.

Diz que esta desanimado o dia, né!

Conta que seu pai lhe perguntou o que ele disse aqui e ele disse que não podia contar.

Disse que eu não contaria nem para seu pai nem para a sua mãe, ele disse que também não. Falei que era nosso trato.

ESTÓRIA

O menino ta cego e com câncer, e é anão... Você já quebrou o dedo?

E qual é o resto da história? O menino ta cego e com câncer, e é anão. E o homem é forte e saudável... e cuida do menino. E o homem tem 28 anos... e o menino tem 19.

E a mãe morreu aos 22 anos...

O menino tinha 8 anos...

E ai João? ...

Só têm eles em casa, é difícil, o homem é desempregado. Os dois. ... Não é melhor por os homens estão desempregados? *Ta bom, já coloquei assim.* E é muito difícil viver por que... sem a mãe, e pai desempregado tem pouco dinheiro.

Que mais? ...

Eu acho que daqui a uns dias eu vou morrer... porque ele ta cego e com câncer, e câncer não tem cura, né!

E o aniversário do meu pai é daqui a 4 dias...

Eu torço pra o time... do Brasil... e me arrependi no jogo contra a Bolívia....

Ele disse que o Brasil jogou bem, mais contra a Bolívia jogou mal...

Eu não tenho Playstation 3 e vou ter...

E nessa história, o que está acontecendo aqui?

Eles tiraram uma foto.

Eles tiraram uma foto, quem tirou a foto? Foi a prima deles... A prima de quem? Aponta para o doente. E o que ela vai fazer com essa foto? Contar uma história. Ah, ela que vai contar a história? É...

Ela vai contar uma história com essa foto... É. E como é essa história? ...

Pra não maltratar os doentes...

Ele tava sendo mal tratado? Tava. Sim! O que faziam com ele? Batiam... Chutavam...

Socavam... Ameaçavam, e só...

Como que ameaçavam ele? De morte... Levantavam a faca pra ele...

Uhhh, que mais? Acho que só! Acho que só?

Uhm, e o outro, como ajuda ele? O pai dele, ele protege...

O pai é o normal? Fez que sim.

E como que ele protege? Não deixa... Ele fala tem que me matar primeiro para matar o meu filho...

E o que vai acontecer? E daí, 4 dias depois no aniversário do pai ele vai morrer... de câncer.... *E ai, como fica?* Daí o pai se arrepende, não faz mais nada na vida... E 28 dias depois o pai também morre... E acabou. Foi pouco?(Pergunta olhando o tamanho da história) Essa foi pouquinha. (ele diz)

E como o pai fica quando o filho morre? Fica muito triste, e não comeu nada... Não comeu nada, não tomou banho, só ficou parado, até ele morrer. (*Me mostra como é... fica parado, com um olhar reto e triste ao nada*) Só via TV... Ficou vendo TV, não tentou arranjar emprego...

E porque que eles estavam desempregados antes? Porque ninguém aceita eles... *Ninguém aceita eles? Por quê?* Porque eles achavam que os dois eram problemáticos... *Porque achavam isso João?* Porque ninguém respeita os doentes.

Título: Vamos combater os que não respeitam os doentes.

4- Desenhe a sua família.

Diz que vai desenhar a sua família.

Vai falando:

Pode ser 3 pessoas? Vou desenhar meu pai e minha mãe.

Eu sou bem baixinho.

Olha aqui, eu jogando bola, sou bem alegrinho.

Meu pai, ele é bem grandão.

A blusa do meu pai é branca, ta!

(O celular faz um barulho, ele para e vai olhar, volta e pede desculpa.)

Depois quero deitar... digo que depois que terminar pode ser.

Pega o lápis verde e diz, prepare-se para ser gastado. A calça do meu pai, a blusa da minha mãe... e eu.

Pega o desenho e diz me mostrando, Olha como ta feio esse desenho. E aponta o desenho. Diz que porque ainda não pintou.

Começa a falar com sotaque do Sul – Diz que nasceu em Porto Alegre, é gaúcho, e veio para cá com 2 anos. Diz que gaúcho tem coragem, falam assim como ele esta fazendo.

Diz que não torce para o Flamengo, torço para o Internacional. E começa a cantar o hino desse.

Diz – Nunca perdi um jogo do Internacional. Torço para o Inter, para o Palmeiras e para o Flamengo.

ESTÓRIA

Eu to jogando bola com o meu pai e a minha mãe ta vendo, e depois a gente vai para casa tomar banho... ver TV... Daí a gente sai pra comprar... vai comprar jogo um jogo que é do Wally...

Repito...

Depois volta pra casa ver noticiário... joga videogame... a noite a gente sai para jantar...

Depois a gente volta, dorme, e acabou o dia!

Acabou a história!

E me conta, quem tava jogando bola? Eu e meu pai. *Ah, só vocês dois?* É, a minha mãe tava vendo...

E ela gosta de ver? É, minha mãe também joga as vezes ela é boa... Ela... Ela... Ela pedala (*mostrar como é*) Minha mãe é boa.

E ai vocês subiram ver televisão... noticiário. *Você gosta de ver noticiário...* Faz que sim. *E ai fica todo mundo junto vendo noticiário?* Fez que sim. Pergunto onde... Diz que no sofá. *E como estavam sentados no sofá?* Eu do lado do meu pai e minha mãe tava sozinha deitada.

Faz barulhos com a boca...

Depois do noticiário, você jogou videogame... Joguei com meu pai. E sua mãe, onde estava? Minha mãe tava deitando, dormindo.

Foi dormir porque tava cansada.

Ai jantamos em casa e jogou um pouquinho de videogame e fui dormir com meu pai ...E minha mãe, né... No colchão, eu durmo no chão.

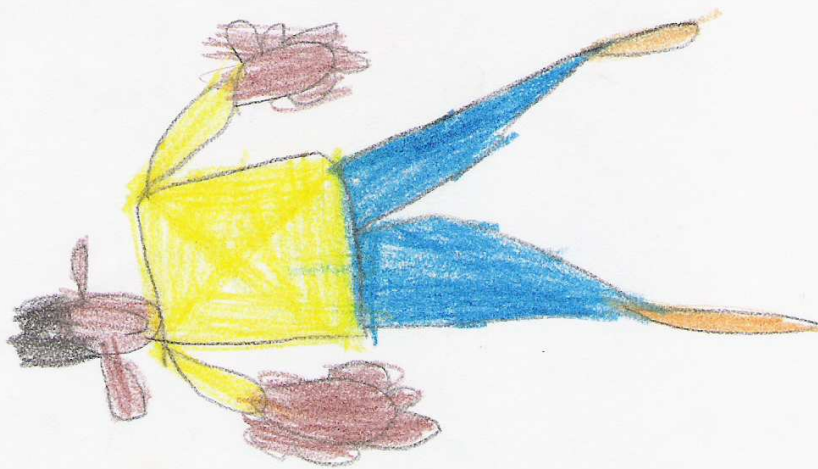
Dormi no quarto da minha mãe.

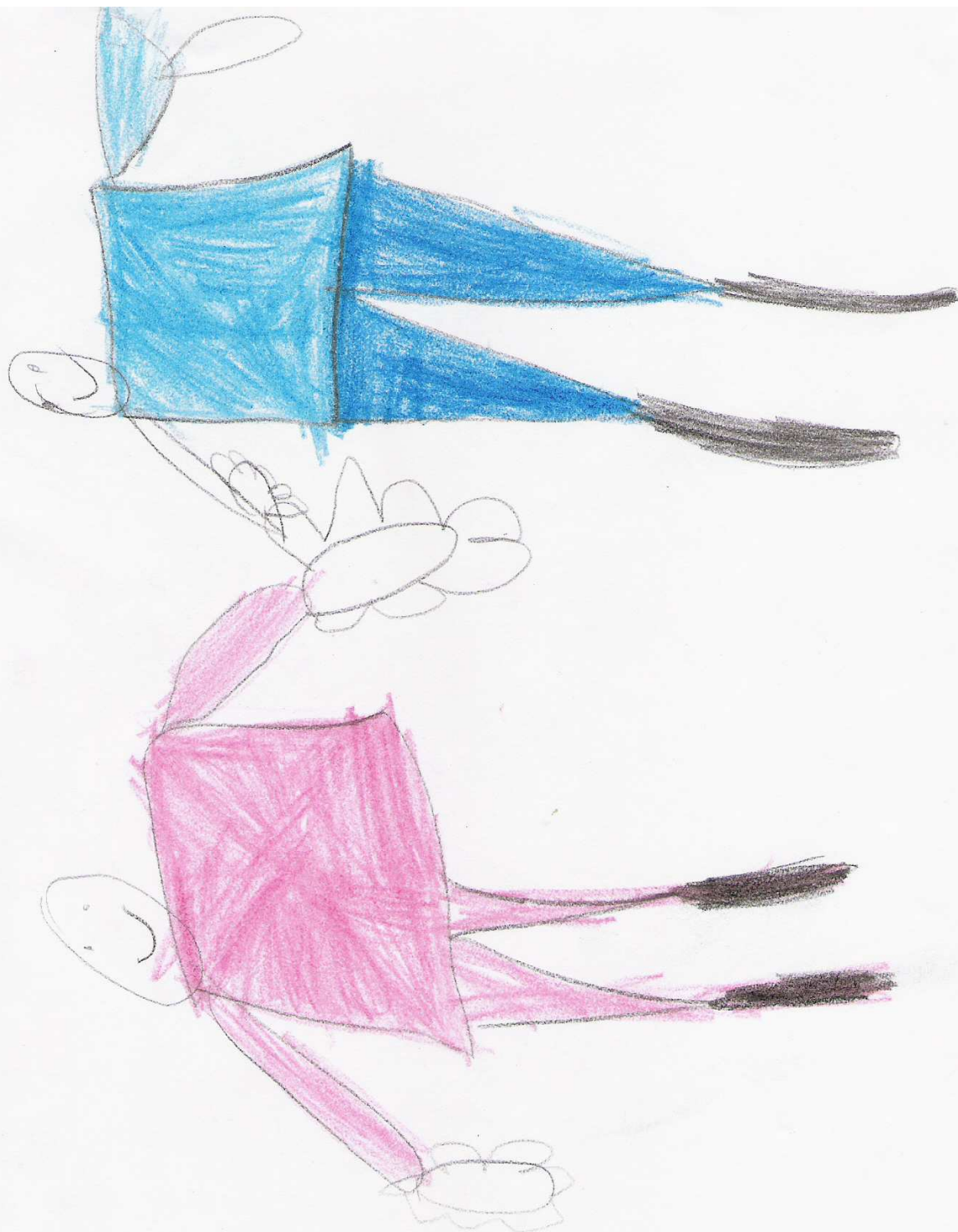
Eles na cama e eu no colchão embaixo.

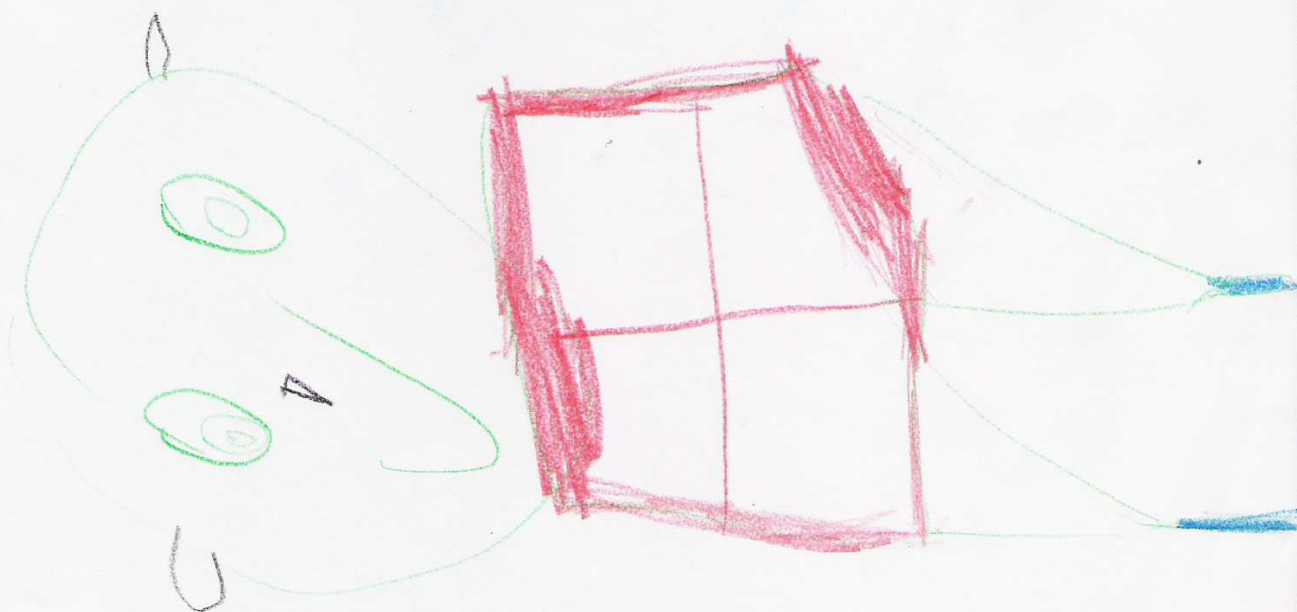
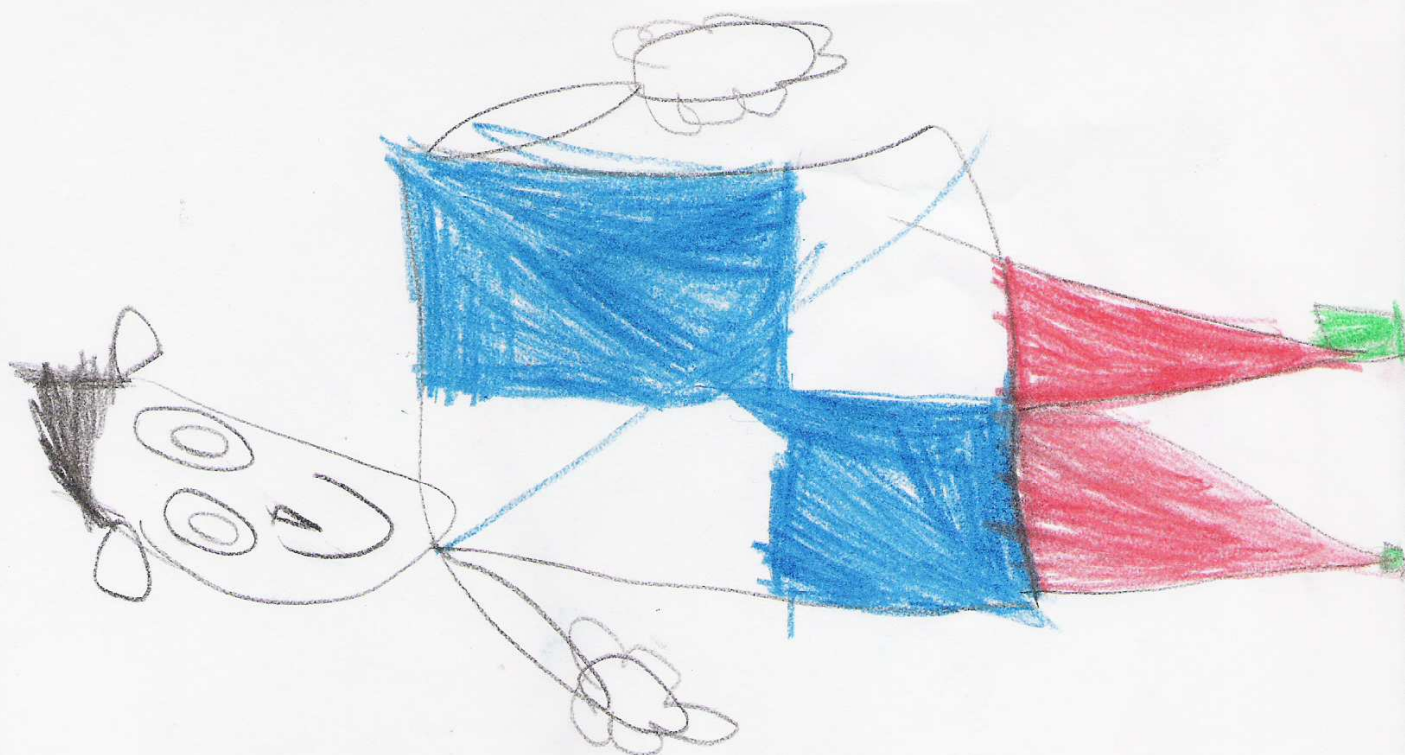
Quem colocou você no colchão embaixo? Meu pai.

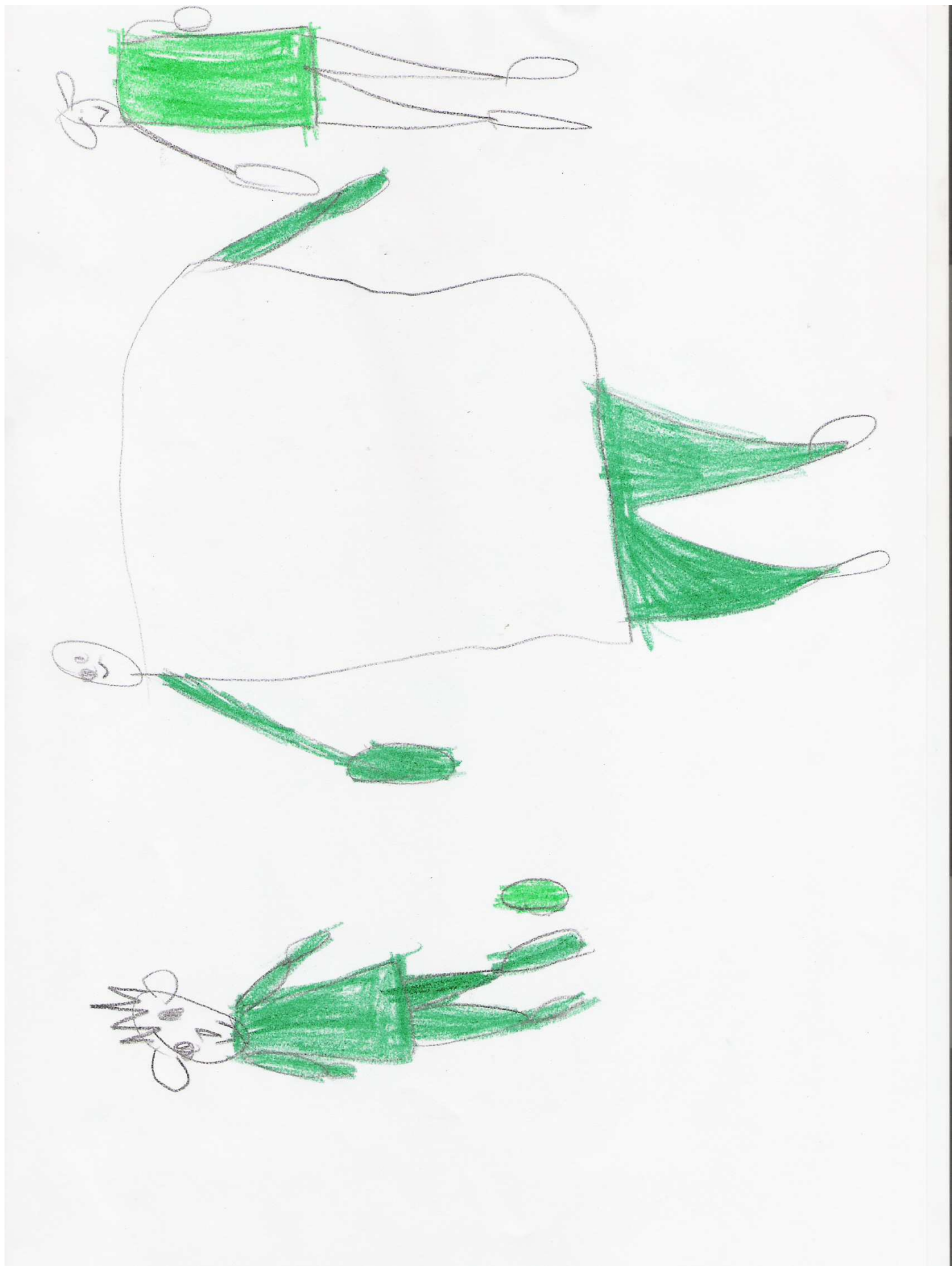
Eu durmo com eles, eu não tenho o meu quarto, e o videogame fica lá.

Título: O dia dos pais.









Anexo 2

Termo de Consentimento

Pesquisa: Como as crianças que viveram a separação dos pais, compreendem tal situação – um estudo de caso.

Eu,, RG..... fui informado(a) dos objetivos da pesquisa abaixo, de maneira clara e detalhada. Recebi informação a respeito do processo desenvolvido e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações assim eu o desejar. O pesquisador certificou-me de que todos os dados desta pesquisa referentes ao participante serão confidenciais; bem como o seu andamento não será modificado em razão desta pesquisa, e terei liberdade de retirar meu consentimento de participação na pesquisa, face a estas informações.

- I. Essa pesquisa tem como objetivo vislumbrar como crianças que vivenciaram a separação dos pais compreendem essa situação. Como elaboram a nova configuração familiar, e como vai ser significado e entendido as mudanças experimentadas nesta vivência.
- II. O procedimento a ser utilizado nesta pesquisa será o Processo de Psicodiagnóstico realizado na Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic”. Deste contam entrevistas semi-dirigidas com cada pai separadamente, e aplicação de Procedimento Desenho História e Desenho Família com estória, com a criança.
- III. Os benefícios que se pode obter na participação desta pesquisa, é estar contribuindo para um estudo de relevância social.
- IV. Esta garantido o esclarecimento de qualquer pergunta ao longo do processo. Deixando claro que os conteúdos emergentes nos encontros é sigiloso, portanto não serão repassados.
O que poderá ser conversado serão os conteúdos interpretados, nos encontros de devolutiva, próprios do Processo de Psicodiagnóstico.

- V.** Se tratando de um atendimento de Psicodiagnóstico realizado na Clínica Psicológica “Ana Maria Poppovic”, o suporte psicológico esta garantido aos participantes envolvidos nesta pesquisa, na devolutiva final deste processo. E se for necessário, encaminhamentos serão realizados, de acordo com o fluxo normal da instituição.
- VI.** Há liberdade de abandonar a pesquisa em qualquer momento, sem prejuízo para si e sem penalização.
- VII.** Esta pesquisa não envolve qualquer tipo de patrocínio, nem custo adicional aos participantes. Dessa forma, as informações geradas por ela serão de propriedade do autor que se responsabiliza por sua publicação, garantindo-a sejam os resultados favoráveis ou não, e pela manutenção do sigilo protegendo os sujeitos envolvidos.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

São Paulo, de de 2008.

Assinatura

Nome

Caroline F. Strimber

Hemir Barição